

CONEXÕES ENTRE A MASCULINIDADE HEGEMONICA E ABUSO DO ALCOOL

Maria Clara Pitanga¹

Pedro Lopes Silva Luz²

INTRODUÇÃO:

O presente estudo foi resultado do trabalho final desenvolvido para o componente curricular: SOCIO-ANTROPOLOGIA DO USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVDAS, ministrada na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Contendo como intuito investiga as relações entre a masculinidade hegemonic e o consumo excessivo de álcool entre homens, analisando como os padrões sociais de gênero influenciam comportamentos de risco.

A masculinidade hegemonic, conceituada por Connell (2013) como um conjunto de práticas que legitimam a dominação masculina, está intrinsecamente ligada a normas que incentivam a resistência emocional e a virilidade, frequentemente associadas ao consumo de álcool como forma de afirmação identitária (Silva et al., 2018). Portanto, a pesquisa justifica-se pela alta prevalência de alcoolismo entre homens (Costa et al., 2004) e pela necessidade de discutir esse fenômeno sob uma perspectiva crítica de gênero.

METODOLOGIA:

Metodologicamente, trata-se de uma revisão bibliográfica qualitativa, baseada em autores que exploram as interseções entre patriarcado, saúde mental e consumo de substâncias. Organizada entre três objetivos específicos que buscam: Compreender o significado por trás da masculinidade hegemonic para o entendimento dos múltiplos modos de performance da masculinidade (Butler, 2018) (Connel e Messerschmidt, 2013) (Crenshaw, 2002) (Matos, 2001) (Scott, 1995); investigar uma justificativa por trás da prevalência dos homens como o maior índice de alcoolismo em comparativo com mulheres, vendo assim a sua relação com a saúde mental masculina (Alvarez, 2007) (Bola, 2020) (Connel e Messerschmidt, 2013) (Costa, 2004) (De Almeida, 2009) (Franco et al, 2021) (Matos, 2001) (Mendes, 2024) (Silva et al, 2018).

¹ Graduanda do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal da Bahia – UFBA, mariaclarapitanga777@gmail.com

² Graduando do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia – UFBA, yagacey@gmail.com

RESULTADOS E DISCURSSÕES:

Na década de 1970, o conceito de “gênero” foi formulado pela primeira vez, inicialmente, foi colocado como uma forma de indicar “construções sociais” (Scott, 1995), ou seja, as diferentes categorias que expressam identidades/papeis de gênero são recordes que um período sócio-histórico. Dessa forma, no hodierno os papéis de gênero ocidental entre mulheres e homens se torna quase universal, com antagonismos de ações bem esclarecidos e antagônicos.

Segundo Butler (2018) “[...] gênero é um projeto que tem como propósito a sobrevivência cultural” (p.6), fazendo com que as noções patriarcais capitalistas continuem a ser mantidas e “seus valores” continuados. Por isso, é necessário o entendimento, de que dentro dos gêneros, existem divisões acerca das masculinidades e feminilidades, com base nas diferenças interseccionais dos indivíduos e que essas identidades “[...] não são simplesmente diferentes entre si, mas também sujeitas a mudanças.” (Connel e Messerschmidt, 2013, p.248).

No qual “[...] o problema interseccional não está simplesmente no fato de não abordar um único tipo de discriminação de forma completa, mas no fato de que uma gama de violações de direitos humanos fica obscurecida quando não se consideram as vulnerabilidades interseccionais de mulheres marginalizadas e, ocasionalmente, também de homens marginalizados.” (CRENSHAW, 2002, p. 178). Desse modo, para atingir o padrão hegemônico de gênero, muitos indivíduos acabam sofrendo psiquicamente em busca desse padrão almejado e das desigualdades dentro da sociedade patriarcal, que afetam diretamente a noção subjetiva do sujeito.

Consequentemente, a masculinidade hegemônica foi definida como o padrão do que é ser homem de forma estereotipada, ou seja: um ser homem cis, hetero, rico, forte, viril e bem-sucedido, em que este modo de performatividade da masculinidade foram construídas “[...] de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real.” (Connell e Messerschmidt, 2013, p.253)

Entretanto, com esta padronização sobre o que é ser homem, ocorre uma hierarquização entre as outras formas de masculinidade, colocando um padrão pouco alcançado, no qual os outros modos performáticos de ser homem acabam sendo ridicularizados e ficam abaixo da hierarquia masculina. Connell e Messerschmidt (2013) afirmam que “A ideia de uma hierarquia das masculinidades cresceu diretamente a partir da experiência de homens homossexuais com a violência e com o preconceito dos homens heterossexuais.” (p.244).

Esta questão relacionada ao ódio ao considerado feminino, como a homofobia, que sua ocorrendo está indiretamente ligada com o padrão hegemônico de masculinidade, dado ao fato

de que ser feminino é visto como fraqueza e vulnerável dentro do patriarcado. Ou seja, por sentirem atração por homens – algo considerado “naturalmente” feminino segundo as noções heterossexuais binaristas – os homens gays ou bissexuais são considerados inferiores na hierarquia de masculinidade, por serem considerados “menos homens”.

Além das questões patriarcas sobre as masculinidades, existe a influência capitalista sobre o papel do homem, no qual “O sucesso profissional servia como medida no julgamento de si e dos outros, vinculado à competitividade e à própria ética do provedor - homem capaz de sustentar uma mulher e os filhos.” (Matos, 2001, p.51) Consequentemente, por causa dessas noções sociais “A masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas “[...] que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular.” (Connell e Messerschmidt, 2013, p.250). Assim sendo, um modo de controle cultural que visa a continuação dos padrões patriarcas capitalistas hegemônicos.

Acerca da questão do papel masculino e sua relação com o abuso de substâncias alcoólicas, diversos estudos (Costa et al, 2004) (Ribeiro, 2016) (Silva et al, 2018) abordam sobre como índice de homens que consomem bebidas alcoólicas com ou sem moderação é muito acima da numeração de mulheres. Esta questão está diretamente relacionada com as questões de gêneros e suas normas sociais. Silva, et al (2018) define as normas sociais como uma expectativa de um grupo sobre os comportamentos de um indivíduo em um determinado contexto, no qual, “evidenciou-se a existência de normas masculinas específicas que são significativamente associadas com comportamentos relacionados à saúde, incluindo beber e comportamentos violentos.” (p.3497)

Entretanto, foi notado que pela romantização do consumo de bebidas alcoólicas como uma norma masculina, pode levar ao uso crônico, ou seja, quando o consumo deixa de ser moderado e passa a ser constante, o que se torna o alcoolismo, em que neurologicamente "por sua vez, técnicas de neuroimagem fornecem evidências importantes de alterações físicas do cérebro, tais como: atrofia de fibras nervosas e perdas de substância cinzenta e branca (Nakahara et al., 2002; Pfefferbaum, Adalsteinsson, & Sullivan, 2006 apud De Almeida, Pasa & Scheffer 2009, p.255)

Já quando se trata do uso crônico, Apesar dos efeitos nocivos ao alcoolismo, Franco et al (2021, p.5-6) debate sobre a relação do abuso de substâncias lícitas e/ou ilícitas por homens, costuma ser uma via de acesso ao cuidado da saúde, principalmente a mental. Essa questão está diretamente relacionada com o padrão de masculinidade hegemônica, que desfavorece os homens a falarem dos seus sentimentos, em função do modo como este ato é examinado como atitude feminilizante “É incontável o número de homens e meninos que se sentem assim, que

acham que precisam sofrer sozinhos, sem ninguém para conversar, sem válvula de escape, sem saída. Alguns passam por isso e saem melhores, mas, para muitos, a repressão é inevitável, com consequências fatais.” (Bola, 2020, p.48-49).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em síntese, é perceptível a necessidade da alteração das noções do que é ser homem, deixando de influenciar as características da masculinidade hegemônica, visto que “A masculinidade hegemônica é sustentada e mantida por grande parte do vasto segmento dos homens que se sentem gratificados, usufruir seus benefícios” (Matos, 2001, p.50)

Por isso, Bell Hooks (2018) aborda sobre a necessidade de que para a luta feminista contra o patriarcado, é necessário do apoio masculino, não somente por se tratar de uma parte do sistema, mas também por esse sistema também desfavorece os homens em certos quesitos, como o direito de ser sensível e desabafar sobre seus sentimentos, já que essas questões são vistas como atos femininos, algo que é ameaçador as noções hegemônicas do ser masculinizado.

Uma vez que “a emergência da masculinidade como tema-questão, entre outros fatores, foi fruto das próprias alterações das pautas feministas e desdobramentos dos estudos de gênero, que também apontam novas e diferentes estratégias de busca da equidade entre homens e mulheres.” (Matos, 2001, p.46) Nesse sentido, é importante lembrar que como a masculinidade hegemônica é uma construção cultural, logo, não fixa, e pode ser mudada. (Connel e Messerschmidt, 2013, p.250)

Em geral, “as noções vigentes de virilidade e masculinidade apenas reforçam a ideia de que os homens não sofrem, ou não devem sofrer, de transtornos psicológicos como ansiedade ou depressão, pois essas questões não seriam mais do que sinais de fraqueza.” (Bola, 2020, p.57). Fraquezas essas, que ao sentirem, os homens buscam outras formas para aliviar suas angústias, seja por abuso de substâncias alcoólicas ou por outros métodos mais perigosos.

Por isso, este estudo pretende se desenvolver futuramente projetos e trabalhos científicos sobre a necessidade da luta contra o padrão hegemônico de masculinidade e entender como esses conceitos referentes ao ser masculino interferem a nossa percepção da sociedade, e como essas identificações nos “[...] ajudaram a compreensão da exposição dos homens a situações de risco, como também acerca de suas dificuldades para lidar com as próprias incapacidades e ferimentos.” (Connel e Messerschmidt, 2013, p.246)

Palavras Chaves: Masculinidades; alcoolismo; saúde mental; performance;

BIBLIOGRAFIA:

- ALVAREZ, Armando M. Alonso. Fatores de risco que favorecem a recaída no alcoolismo. Universidade de Havana, 2007.
- BOLA, JJ. Seja homem: a masculinidade desmascarada. Porto Alegre: Dublinense, 2020.
- BUTLER, Judith. Os atos performáticos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Chão da feira, 2018.
- CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. Florianópolis: Estudos Feministas, 2013.
- COSTA, Juvenal S D; et tal. Consumo abusivo de álcool e fatores associados: estudo de base populacional. Revista Saúde Pública, 2004.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Los Angeles: University of California, 2002.
- DE ALMEIDA, Rosa Maria Martins; PASA, Graciela Gema; SCHEFFER, Morgana. Álcool e violência em homens e mulheres. Psicologia: reflexão e crítica, 2009.
- FRANCO, Marina Haase da Costa; et al. Desigualdade de gênero e escuta psi de mulheres na atenção básica. Psicologia: ciência e profissão, 2021.
- HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- MATOS, Maria Izilda Santos. Por uma história das sensibilidades: em foco - a masculinidade. Curitiba: História: questões & debates, Editora da UFPR, 2001.
- RIBEIRO, Danilo Bertasso; Et tal. Motivos da tentativa de suicídio expressos por homens usuários de álcool e outras drogas. Rev. Gaúcha Enferm, 2016.
- SILVA, Thais Santos; Et tal. Gênero e consumo de álcool entre jovens: avaliação e validação do inventário de conformidade com normas masculinas. Faculdade de Ciências econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Educação & realidade, 1995.